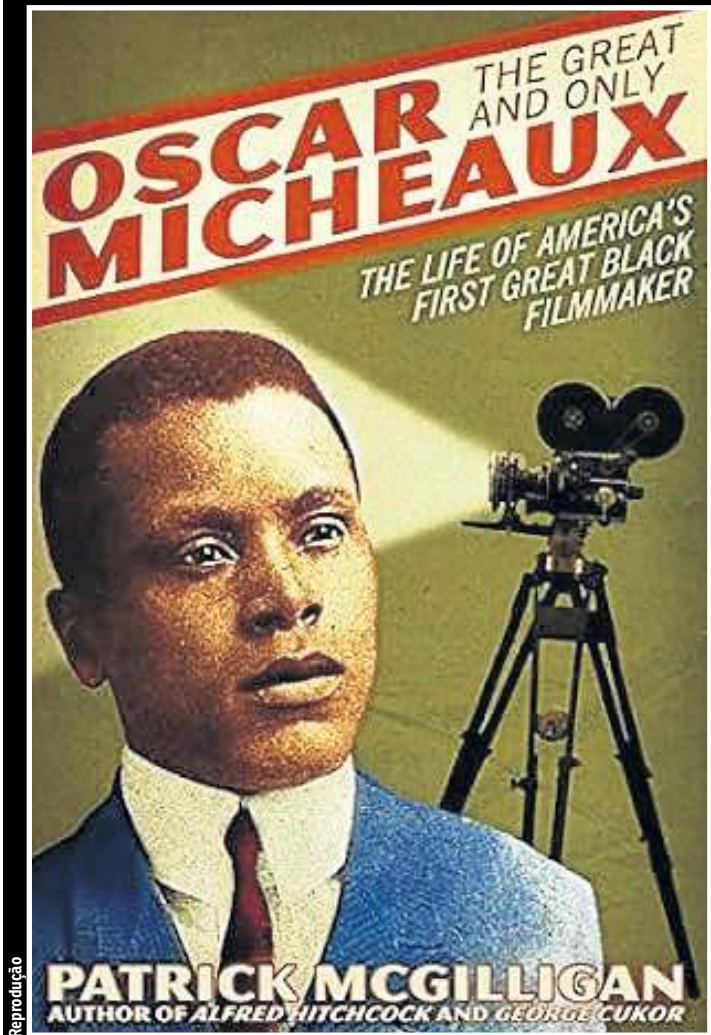
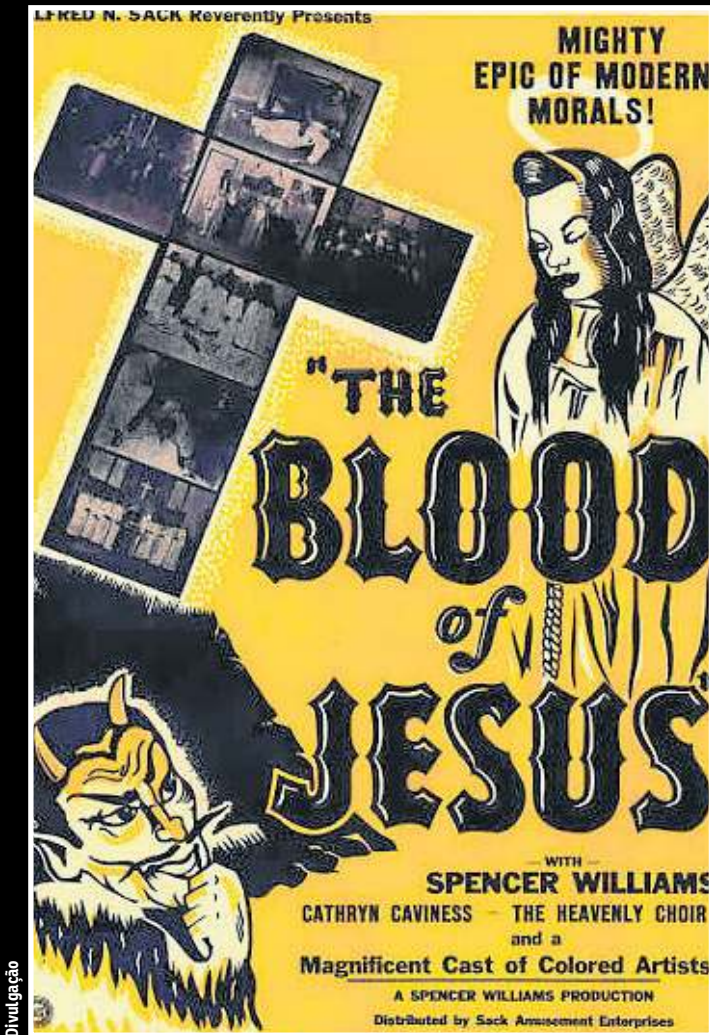


Diversão&Arte



Capa da publicação assinada por Patrick McGilligan



Cartaz do filme O sangue de Jesus



Paul Robeson em cena de Corpo e alma

Richard Peña, professor da Universidade de Columbia, nos EUA, apresenta palestra na UnB sobre a história oculta da cinematografia norte-americana

Preciosidades do cinema afro-americano

» RICARDO DAEHN

Um passeio pela conjuntura do cinema afro-americano independente, estabelecido no período entre 1912-1950, está em pauta na palestra Glória desvanecida, no Auditório da FAC, a partir das 10h de amanhã (no Minhocão Norte da UnB). O convidado para explorar o tema é o acadêmico da Universidade de Columbia Richard Peña, pesquisador, professor e curador de mostras. “De longe, a figura mais importante do movimento foi Oscar Micheaux, que de 1918 a 1948, produziu e dirigiu pelo menos 40 filmes, e foi, a meu ver, um talento único”, comenta

Peña, em entrevista ao **Correio**. Comédias, musicais e faroestes exibidos à margem, em genuínos bairros afro-americanos, movem a temática de Peña, historiador de cinema e responsável por ensaios e textos críticos propagados nas aulas de teoria do cinema. Em Brasília, a cineasta e professora Edileuza Penha de Souza e o professor Pablo Gonzalo participarão do debate, que é aberto ao público. Vale a lembrança de que Richard Peña foi programador da Film Society of Lincoln Center e dirigiu uma fase do importante New York Film Festival.

ENTREVISTA // RICHARD PEÑA, PESQUISADOR, PROFESSOR E CURADOR

O que provocou o ocultamento dessa história relevante do cinema afro-americano, que é tema da palestra?

Acho que a questão não era tanto o ocultamento, mas, sim, a inacessibilidade. Os produtores desses filmes geralmente faziam, no máximo, duas ou três cópias e as exibiam por todos os Estados Unidos, de modo que, ao final de sua exibição, elas geralmente estavam em frangalhos e impróprias para exibição, e muitos produtores, ao que parece, simplesmente as descartavam. Dos cerca de 500 filmes que se acredita terem sido feitos entre 1912 e 1952, apenas 87 ainda existem, integralmente ou em parte.

Entre os filmes a serem estudados e que se projetaram naquele período é possível falar em resgate de que âmbito?

Uma espécie de ponto de virada ocorreu em 1984, quando 24 filmes afro-americanos foram encontrados em um depósito em Tyler, Texas. Isso levou a um breve período de interesse no assunto, já que algumas das pessoas envolvidas nesses filmes ainda estavam vivas. Mais recentemente, o interesse geral em explorar os arquivos em busca de obras desconhecidas de mulheres, minorias étnicas e afins levou a algumas descobertas, mas, infelizmente, duvido que haverá muitas outras.

A sociedade americana valoriza a cultura negra em que escala? Ainda persiste uma dose de preconceito velado?

Há um quadro de complexidade, nisso. As contribuições dos afro-americanos para a música e a dança americanas são certamente conhecidas e reconhecidas. Suas contribuições para outras mídias artísticas — artes visuais, literatura, cinema — são certamente menos conhecidas e apreciadas. Sim, existe um certo nível de preconceito, mas, mais do que preconceito, existe principalmente ignorância.



Divulgação

Como se desvela o quadro?

Certamente, uma nova geração de programadores de arte, curadores e críticos, muitos deles afro-americanos, mas não todos, têm feito um ótimo trabalho na divulgação e disseminação desse trabalho. Em termos da indústria, certamente houve um grande progresso nos últimos 40 anos — digamos, começando com Spike Lee — de modo que a presença de afro-americanos diante das câmeras, bem como diretores, roteiristas, diretores de fotografia e de outras funções tornaram-se uma realidade em nosso cenário midiático.

Que ferramentas tornaram mais estridentes as vozes e lideranças no tocante ao cinema negro?

Acredito que Oscar Micheaux é de longe a figura mais importante produzida por esse movimento, mas também estou ansioso para ler os trabalhos que estão sendo escritos sobre Spencer Williams. A maioria das pessoas envolvidas no movimento não durou

muito tempo; depois de um ou dois fracassos, seguiram para outros caminhos.

Como se dava o aporte destes títulos independentes estudados?

Os filmes eram frequentemente financiados pelos próprios cineastas, às vezes com fundos de afro-americanos. Empresários, igrejas e até mesmo alguns “anjos brancos” que investiram em certos filmes, como *O sangue de Jesus*. Não, absolutamente nenhum apoio do governo; as igrejas, como mencionei, frequentemente se envolviam na produção cinematográfica, especialmente naqueles com dimensão ou temática religiosa.

Quais os costumes diretamente tocantes à África agregados na temática do que se discutirá?

Para mim, se você observar um filme como *O sangue de Jesus*, a cosmologia é muito semelhante à de religiões sincréticas afro-americanas como o vodu, o candomblé ou a santeria: figuras espirituais estão muito presentes no cotidiano, as pessoas transitam entre os planos físico e espiritual.

Há como notar reflexo do que outrora foi produzido nas criações contemporâneas?

Francamente, não muito. Acho que os filmes são admirados apenas pela pura coragem e força de vontade necessárias para tê-los feito. Mas, as pessoas não viram muitos deles. Anos atrás, programei uma exibição de *Corpo e alma*, de Micheaux, com acompanhamento ao vivo da Orquestra de Jazz do Lincoln Center. Ao sair da sala onde o filme foi apresentado, vi uma das minhas alunas, uma mulher afro-americana muito inteligente; ela estava chorando. Perguntei qual era o problema, e ela me disse que não fazia ideia de que afro-americanos haviam feito filmes mudos. Portanto, ainda há muito trabalho a ser feito: precisamos inserir esses filmes em um diálogo mais amplo com o restante da história do cinema.

NOS CINEMAS



Paramount Pictures/Divulgação

Street Fighter

• Em 1993, os lutadores Ryu (Andrew Koji) e Ken Masters (Noah Centineo) voltam aos rounds a partir da interferência de Chun-Li (Callina Liang) que os estimula para o World Warrior Tournament: uma intensa briga de socos e campeonato de liberação de fúria.



O2 Play

Consequências paralelas

• De Gabriel França e CD Vallada, o longa nacional traz Max, Pedro e Bruna testando uma máquina do tempo. O envolvimento no experimento inédito altera comportamentos, e coloca Max em risco, com a matança pretendida por Pedro.



Konos/Divulgação

Novas exhibições de Jogos Vorazes

• Baseada em série de livros de Suzanne Collins, os filmes que tiveram por embrião a personagem de Katniss Everdeen (Jennifer Lawrence) ganham relançamento. Recapitula-se, nisso, os títulos: *Jogos Vorazes*, *Jogos Vorazes: em chamas*, *Jogos Vorazes: a esperança* — Parte 1, *Jogos Vorazes: A Esperança* — Parte 2 e *Jogos Vorazes* — A cantiga dos pássaros e das serpentes.

Rosebush pruning

• Um elenco estelar que inclui Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Pamela Anderson está sob o comando do brasileiro Karim Aïnouz nesse mordaz registro de privilegiada casta de parentes muito mais do que perversos e disfuncionais.

Dentro da baleia

• Na trama, Jay (Austin Abrams) é um mergulhador sufocado pela morte do pai (Josh Brolin), cujos restos estão em alto mar.